

O Desprezo do Sionismo pela Vida Humana: Uma Contradição com o *Pikuach Nefesh* e a Busca por um Grande Israel

O sionismo, que surgiu como um movimento nacionalista no final do século XIX sob Theodor Herzl, foi frequentemente retratado como uma ideologia de libertação para o povo judeu. No entanto, sua trajetória histórica revela um padrão perturbador de ações e retórica que demonstram um profundo desprezo pela vida humana – tanto judaica quanto não judaica. Este ensaio argumenta que o sionismo, apesar de sua aceitação oficial do Plano de Partição da ONU de 1947, nunca buscou genuinamente uma solução de dois estados. Em vez disso, perseguiu consistentemente uma visão de um Grande Israel, estendendo-se além das fronteiras da Palestina histórica. Essa ambição foi realizada por meio de colaboração com a Alemanha nazista, operações de bandeira falsa, rejeição da diplomacia internacional e violações dos princípios éticos centrais do judaísmo, incluindo o *pikuach nefesh* – a obrigação sagrada de preservar a vida humana.

A base ideológica do sionismo espelha o nacionalismo alemão *Blut und Boden* ("Sangue e Solo"), transformando a terra em um bezerro de ouro – um falso deus – violando assim o mandamento da Torá de não retomar a Terra de Israel pela força antes da chegada do Messias. Sob essa perspectiva, o sionismo constitui não apenas uma traição política, mas também uma heresia teológica.

Contradição com o *Pikuach Nefesh*: O Coração Ético do Judaísmo

O princípio judaico do *pikuach nefesh* – que a preservação da vida humana supera quase todos os mandamentos religiosos – é uma pedra angular da ética haláchica. Enraizado em Gênesis 1:27 ("Deus criou o homem à Sua imagem") e expandido em *Sanhedrin* 4:5 ("Quem salva uma única vida... é como se tivesse salvado um mundo inteiro"), a tradição talmúdica (Yoma 82a) insiste que até mesmo proibições sagradas, como o *Shabat* e o *Yom Kippur*, devem ser deixadas de lado para salvar uma vida.

No entanto, líderes sionistas sacrificaram repetidamente esse princípio no altar da construção do estado. David Ben-Gurion, o primeiro primeiro-ministro de Israel, articulou esse cálculo frio em 1938:

> "Se eu soubesse que seria possível salvar todas as crianças na Alemanha levando-as para a Inglaterra, e apenas metade transportando-as para Eretz Yisrael, eu escolheria a última... porque não estamos enfrentando apenas a contabilidade dessas crianças, mas também a contabilidade histórica do povo judeu" (Arquivo Central Sionista, S25/419).

Essa preferência por estratégia demográfica em vez de sobrevivência imediata contradiz diretamente o *pikuach nefesh*. Reduz seres humanos – muitos deles crianças – a ferramentas em um projeto nacional, minando a própria essência da ética judaica.

As operações militares sionistas desrespeitaram de forma semelhante as vidas judaicas e árabes. O atentado ao Hotel King David (22 de julho de 1946) pelo Irgun matou 91 pessoas, incluindo 17 judeus, mesmo após um aviso telefônico. Combatentes do Irgun usaram disfarces árabes, uma tática que aumentou a confusão e o risco para civis (Relatório da Inteligência Britânica, 1946). O massacre de Deir Yassin (9 de abril de 1948), realizado por Irgun e Lehi, matou mais de 100 moradores árabes da vila, novamente usando disfarces árabes para se infiltrar. Ambos os incidentes mostram uma disposição de aceitar mortes colaterais de judeus para ganhos estratégicos.

Hoje, esse desprezo culmina no genocídio em Gaza. Segundo agências da ONU, Anistia Internacional (5 de dezembro de 2024) e Médicos Sem Fronteiras (11 de julho de 2025), mais de 40.000 palestinos foram mortos. Mais de 80% da infraestrutura de Gaza foi destruída (Wikipedia, “Genocídio de Gaza”, 2025-07-17), e 1,9 milhão de pessoas foram deslocadas (UN OCHA, 2025). Tal devastação viola flagrantemente o *pikuach nefesh*, refletindo uma desvalorização sistemática da vida humana para fins territoriais e ideológicos.

Rejeição da Solução de Dois Estados: Um Objetivo de Longa Data do Grande Israel

Embora a Agência Judaica tenha aceito publicamente o Plano de Partição da ONU de 1947, a liderança sionista o via como uma concessão tática. Ben-Gurion, falando dias após a votação, disse:

> “A aceitação do plano é um passo tático e uma plataforma para a futura expansão territorial sobre toda a Palestina.”

(Wikipedia, “Plano de Partição das Nações Unidas para a Palestina”, 2025-07-02).

Sionistas revisionistas, como Ze’ev Jabotinsky, foram mais explícitos. Em 1935, dirigindo-se à juventude do Betar, ele declarou:

> “Devemos construir um muro de ferro na Palestina, e se os fracos ou inaptos não conseguirem rompê-lo, devem ser deixados para trás.”

(Arquivo Jabotinsky, 2/12/1).

O assassinato do mediador da ONU, Conde Folke Bernadotte, pelo Lehi em 17 de setembro de 1948 – pouco depois de ele propor a devolução de alguns territórios ao controle árabe – ilustrou ainda mais a rejeição sionista à coexistência pacífica. Bernadotte havia resgatado milhares de judeus durante o Holocausto. No entanto, como sua diplomacia interferia na visão de um Grande Israel, ele foi assassinado.

Essa ambição continua hoje por meio da expansão de assentamentos, anexação de terras palestinas e dominação militar. Desde 1967, o território palestino foi reduzido em mais de 40% devido aos assentamentos (Carnegie Endowment, 2024), com a destruição de Gaza agora completando o mapa da conquista.

Operações de Bandeira Falsa: Sacrificando Vidas para Controle Narrativo

Grupos sionistas usaram repetidamente táticas de bandeira falsa para manipular a opinião internacional e culpar os árabes. O atentado do Irgun ao Hotel King David envolveu operativos vestidos como árabes, fato documentado pela inteligência britânica (Arquivo Nacional do Reino Unido, 1946). Em julho de 1947, o Irgun colocou placas em língua árabe durante o enforcamento de dois sargentos britânicos para culpar os árabes (Arquivos do MI5, 2006). O Caso Lavon (1954) intensificou esse padrão: agentes israelenses no Egito, passando como árabes, bombardearam alvos ocidentais para sabotar as relações britânico-egípcias. Quatro agentes morreram, e a exposição da operação quase causou um colapso diplomático (Wikipedia, "Caso Lavon", 2025-04-01).

Esses incidentes mostram uma insensibilidade em relação às vidas árabes e judaicas – onde mortes são estrategicamente aceitas para avançar uma narrativa. Essa mesma estratégia aparece hoje quando Israel rotula toda resistência em Gaza como "terrorismo", mesmo enquanto ataca civis em abrigos da ONU e locais de ajuda, enquadrando as vítimas como ameaças para justificar a aniquilação.

Colaboração com a Alemanha Nazista: O Pecado Original do Sionismo

Talvez a contradição mais condenatória do *pikuach nefesh* resida na colaboração inicial do sionismo com a Alemanha nazista. O Acordo Haavara (25 de agosto de 1933), assinado entre a Federação Sionista da Alemanha e o regime nazista, facilitou a transferência de mais de 50.000 judeus e seus bens para a Palestina. Isso quebrou efetivamente o boicote judaico global à Alemanha, declarado pelo Congresso Judaico Americano e outros (Daily Express, 24 de março de 1933: "Judeia Declara Guerra à Alemanha").

Líderes sionistas priorizaram a colonização em vez do resgate coletivo. Yitzhak Gruenbaum, chefe do Comitê de Resgate da Agência Judaica, afirmou em 1943:

> "Se desviarmos fundos para salvar judeus da Europa, comprometeremos o empreendimento sionista na Palestina. Uma vaca na Terra de Israel vale mais do que todos os judeus na Polônia."

(Arquivo Yad Vashem, M-2/23).

Esse cálculo utilitário – sacrificar milhões pelo bem de um futuro estado – está em direta oposição aos ensinamentos judaicos sobre o valor infinito de uma única vida.

BDS, o Grupo de Haia e um Acerto de Contas Moral Contemporâneo

A traição do boicote de 1933 por meio do Haavara encontra um eco moderno na oposição ao movimento de Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS). O BDS, agora apoiado por relatores da ONU, Anistia Internacional e Médicos Sem Fronteiras à luz do genocídio em

Gaza, visa acabar com a ocupação e o apartheid. As sanções do Grupo de Haia de 16 de julho de 2025 – incluindo embargos de armas e restrições portuárias – marcam o primeiro grande mecanismo de aplicação internacional. Enquanto o boicote de 1933 carecia de apoio estatal e foi sabotado pela colaboração sionista, o BDS agora é fortalecido por quadros legais internacionais. No entanto, os EUA continuam a enviar 3,8 bilhões de dólares anualmente em ajuda militar a Israel (orçamento de 2025) e sancionaram o procurador e alguns juízes do Tribunal Penal Internacional, bem como a Relatora Especial da ONU para os territórios palestinos ocupados, Francesca Albanese, ilustrando um impasse moral entre a ética de base e os interesses geopolíticos.

Proibição Teológica: Retomar a Terra pela Força como Idolatria

A Torá proíbe os judeus de retomarem a Terra de Israel pela força antes da chegada do Messias. Jeremias 29:7 ordena:

> “Buscai a paz e a prosperidade da cidade para a qual vos exilei... pois, se ela prosperar, vós também prosperareis.”

Esse ensinamento foi codificado em *Ketubot 111a* como os “Três Juramentos”:

1. Os judeus não devem ascender à Terra “como um muro” (ou seja, pela força).
2. Eles não devem se rebelar contra as nações.
3. As nações não devem oprimir Israel excessivamente.

Rashi e muitos sábios interpretaram esses juramentos como uma proibição de retorno prematuro à soberania, alertando que tal desobediência incorreria em punição divina. O rabino Joel Teitelbaum, em *VaYoel Moshe*, chamou o sionismo de heresia e alertou que levaria à catástrofe.

A violação desses juramentos pelo sionismo transforma a aspiração nacional em uma transgressão teológica. Como os israelitas adoraram o bezerro de ouro em Êxodo 32 – construindo um substituto para o tempo divino – o sionismo constrói uma “redenção” prematura por meio de violência e sangue. A ideologia do “Grande Israel” espelha o nacionalismo *Blut und Boden*: uma crença de que a identidade deriva de linhagens de sangue e domínio territorial (Marxists.org, “Blut und Boden”).

Ao fazer isso, o sionismo abandona o *pikuach nefesh*, substituindo a santidade da vida pela idolatria da terra.

Conclusão: O Fracasso Ético e Teológico do Sionismo

A história do sionismo – por meio de sua colaboração com os nazistas, rejeição da diplomacia pacífica, operações de bandeira falsa e desprezo estratégico pela vida humana – constitui uma profunda traição à ética judaica. Suas raízes ideológicas espelham as idolatrias nacionalistas condenadas pela Torá. Suas violações do *pikuach nefesh* – dos cálculos frios de Ben-Gurion ao genocídio em Gaza – minam os fundamentos morais do judaísmo.

A verdadeira redenção judaica, segundo a Torá, não vem por meio da conquista, mas da humildade, justiça e tempo divino. Até lá, preservar a vida – não a terra – deve permanecer o mandamento supremo.